

toda a razão: "A bad building with a poor collection is tragic, but logical and easy to understand, but a good building with a poor collection is something else" (p. 38). Isto é particularmente observado em Brasília, onde o autor notou "a network of divided libraries" (eu teria qualificado o substantivo **network** com o adjetivo **chaotic**), tudo porque "bureaucrats are not used to thinking in terms of a unified library system" (p. 69). E também lamento, como o autor, que "although the capital has a fine National Theater it does not have and never will have a National Library" (ibidem).

Muito justas são também as críticas ao uso pelas bibliotecas brasileiras tanto das normas de catalogação da Biblioteca Vaticana como das **Anglo-American Cataloging Rules** (p. 95). Quanto aos computadores, vale a pena citar de novo o autor: "I personally think Brazilian librarians should swear a collective oath not to utter the word **computer** until every city of any size has at least passable public lending library services. But computers are part of life in every developing country **because it is excellent business for Western countries to export them**" (p. 104, grifos nossos).

Lamento que os limites naturais de uma recensão não me permitam citar e comentar outras passagens deste notável livro, que deve ser lido por todos os bibliotecários brasileiros. Sua leitura pode contribuir para curar ou diminuir nosso isolacionismo (cf. p. 111) e superar nossas contradições (cf. p. 114-115).

EDSON NERY DA FONSECA

Faculdade de Estudos Sociais
Aplicados — Universidade de Brasília

SPILLER, David. Book selection; an introduction to principles and practice. 2. ed. rev. London, Clive Bingley, 1974. 142 p. ISBN 0-85157-170-0. £ 2.75.

Ao imaginar o bibliotecário do futuro como um filtro que se interpõe entre a torrente de livros e o homem, Ortega y Gasset tocava no mais importante problema das bibliotecas, que é o da seleção. As limitações do espaço físico em face da explosão bibliográfica podem ser resolvidas pela miniaturização dos documentos, a armazenagem e recuperação da informação vêm sendo solucionadas pela tecnologia eletrônica. Mas assim como "um lance de dados jamais abolirá o acaso", como dizia Mallarmé em poema célebre, nenhum recurso tecnológico poderá substituir a seleção, que supõe cultura e discernimento, inteligência e espírito crítico.

Por isso aquela parte do programa de Organização e Administração de Bibliotecas relativa aos critérios, instrumentos e métodos indispensáveis à formação de coleções bibliográficas, iconográficas, discográficas, cinematográficas, etc., constituiu-se em disciplina obrigatória de qualquer curso de Biblioteconomia que se preze. Só não faz parte do nosso currículo mínimo porque este já nasceu com o destino daquele fruto de que fala Manuel Bandeira: “fruto sem cuidado que ainda verde apodreceu”.

O livro de David Spiller, publicado em 1971 e atualizado para a edição atual, se inscreve entre os melhores da já extensa bibliografia sobre a matéria. Pretendendo ser apenas uma introdução, ele trata com inteligência e competência de todos os problemas da seleção de materiais bibliográficos e não bibliográficos.

O autor é muito conhecido e estimado no Brasil, como bibliotecário do Conselho Britânico, admirável e prestimosa organização que divulga mensalmente uma das melhores bibliografias críticas do mundo: **British Book News**.

Sendo particularmente útil aos bibliotecários ingleses, o livro de David Spiller interessa aos brasileiros na parte conceitual — concentrada nos primeiros capítulos — e, **mutatis mutandis**, também na parte prática. É leitura essencial tanto para professores da matéria como para os bibliotecários que fazem a seleção, exercendo, como dizia Jorge Luis Borges, a arte da crítica: “Ordenar bibliotecas es ejercer, de un modo silencioso y modesto, el arte de la crítica”.

EDSON NERY DA FONSECA

Faculdade de Estudos Sociais
Aplicados — Universidade de Brasília

THOMPSON, James. **Library power: a new philosophy of librarianship**. London, Clive Bingley, 1974. 111 p.

“As bibliotecas são tão importantes que não podem ser dirigidas por bibliotecários do tipo que conhecemos.” [...] “Como guardiães, os bibliotecários parecem sentir-se mais intimidados do que inspirados pelo acervo que acumularam.” [...] “É preciso que na organização de pessoal das bibliotecas haja um corpo administrativo e que não seja ele formado de bibliotecários”. (*)

* As autoridades encarregadas há alguns anos de indicar os diretores da biblioteca do British Museum e da Library of Congress, não encontrando candidatos suficientemente qualificados entre os bibliotecários, designaram um funcionário público (**civil servant**) para a primeira e um poeta para a segunda. E a ação posterior de ambos não foi considerada irrelevante.